

A VIDA E A OBRA DE DANTE ALIGHIERI NA PERSPECTIVA DE GIOVANNI BOCCACCIO E LEONARDO BRUNI

Roberto Silva de Oliveira*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a forma como Giovanni Boccaccio, em seu *Trattatello in laude di Dante*, e Leonardo Bruni, no livro *Della vita, studi i costumi di Dante*, representaram os fatos que marcaram a vida e a obra do poeta florentino Dante Alighieri.

PALAVRAS-CHAVE: *Cultura. Dante Alighieri. Giovanni Boccaccio. Leonardo Bruni. Política.*

Muito já foi escrito sobre a vida e a obra de Dante Alighieri. Todavia, não obstante o compromisso de seus biógrafos com a realidade dos fatos, a forma e o enfoque dados por eles aos acontecimentos da vida do poeta revelam as particularidades do processo histórico e cultural no qual estiveram inseridos. Pois, se são, de fato, “nossas necessidades que interpretam o mundo: nossos impulsos e seus prós e contras”, como definiu Nietzsche (1996, p. 17), implica, portanto, que é preciso situar a narrativa biográfica num contexto mais amplo, destacando as relações que ela mantém com as realidades do mundo de quem a produziu. Ademais, convém ressaltar que toda narrativa pressupõe a existência de uma perspectiva que busca se estabelecer como consenso entre grupos de interesses comuns ou discordantes (cf. BOURDIEU, 2005, p. 186). É neste sentido que apresentamos, doravante, duas biografias de Dante, ambas ainda pouco conhecidas pelos brasileiros: o *Trattatello in laude di Dante*, escrito por Giovanni

* Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). E-mail: robertooliveira.uesb@gmail.com.

Boccaccio entre os anos de 1351 e 1355; e o *Della vita, studi e costumi di Dante*, do chanceler humanista Leonardo Bruni, de 1436. Neste pequeno livro, Bruni acusa Boccaccio de só ter representado, em sua obra, os fatos de menor importância, enquanto que “le gravi e sustanzievoli parti della vita di Dante lascia a dietro e trapassa con silenzio, ricordando le cose leggiere e tacendo le gavi” (BRUNI, 1999, p. 3).¹ Em contraposição, Bruni afirma que dará ênfase às “coisas estimáveis” (1999, § 1, p. 3), sem a intenção de derogar, e sim de complementar, a obra de Boccaccio. O objetivo deste trabalho é analisar a forma como estes autores discorreram sobre a obra e os fatos que marcaram a vida de Dante, assim como seus respectivos interesses.

Segundo Giovanni Boccaccio, em seu *Trattatello*, Dante foi um ilustre poeta, um cidadão virtuoso e um *chiarissimo uom*, injustiçado por sua pátria. E é justamente a partir do conceito de justiça que Boccaccio dá início ao seu livro, dizendo que o legislador grego Sólon, *con matura gravità* afirmou que “toda república, assim como nós, deve andar e permanecer sobre dois pés: o direito para punir todos os delitos cometidos e o esquerdo para recompensar todo bem produzido” (BOCCACCIO, 1995, I, p. 3). E acrescenta, ainda em conformidade com Sólon:

Quando qualquer uma das duas coisas já ditas se subtraia, por vício ou negligência, ou quando bem pouco se usava, sem dúvida nenhuma, aquela república que assim o fazia, viria a manquejar; e se, por infortúnio se pecasse em ambas, quase certo seria, que aquela [república] não poderia, de forma nenhuma, continuar (BOCCACCIO, 1995, I, p. 3).²

Deste ponto em diante, Boccaccio comenta os costumes dos antigos que, segundo ele, honravam os homens valorosos como deidades, lhes homenageando com estátuas, sepulturas, arcos triunfais e coroas de louro. Seus feitos e suas memórias eram elevados, por meio da escrita, até o limite das estrelas. Já *miei Fiorentini*, diz o autor, sucessores dos romanos, são mal seguidores desses vestígios, pois têm, por prêmio de virtude, a ambição.

Porque, assim como eu ou qualquer outro que com olhos razoáveis quiser examinar, não destituídos de grandíssima aflição de ânimo, poderá ver os homens malvados e perversos se elevarem às excelsas posições,

¹ “As partes graves e substanciais da vida de Dante deixa para trás e passa em silêncio, recordando as coisas superficiais e calando-se sobre as graves”.

² Todas as traduções do *Trattatello in laude di Dante* são de nossa responsabilidade.

aos sumos cargos e recompensas, e aos bons expulsarem, deprimirem e rebaixarem (BOCCACCIO, 1995, I, p. 3).

Boccaccio informa que o motivo que o levou a revelar esses defeitos, dos quais ele também se sente partícipe, mas não culpado, foi recordar o exílio de Dante Alighieri.

O autor faz severas censuras a Florença e aos florentinos, dizendo que, se Dante tivesse vivido numa república justa, sem dúvida, que, por boas obras, esta teria lhe dado altíssimas honras. E conclui:

Oh, celerado pensamento! Oh, desonesta obra! Oh, miserável exemplo! Oh, manifesto argumento de futura ruína! Em lugar daquelas [honras], injusta e furiosa condenação, perpétuo banimento, alienação dos bens paternos, e, se a maculação da *gloriosíssima* fama fosse possível, com falsas culpas lhe presenteariam. De tais coisas, os recentes passos de sua fuga, os ossos sepultados em terras alheias e a distribuição da prole pelas casas dos outros, algumas ainda se fazem claras. Se por todas as outras iniquidades florentinas fosse possível o esconder-se aos olhos de Deus, que vêem tudo, não deveria esta única bastar para provocar sobre si a Sua ira? Certo que sim (BOCCACCIO, 1995, I, p. 3).

No segundo capítulo, Boccaccio começa a descrever, brevemente, as origens de Florença e dos Alighieri, afirmando que “Florença, entre as cidades italianas mais nobres, segundo as antigas histórias e a opinião comum *de presenti*, teve início com os romanos” e cresceu tanto em número de gentes do povo e homens ilustres que se tornou uma cidade notável.

Mas, como se fosse contrário à fortuna, ou avesso ao céu ou aos seus méritos, ou aos altos princípios mudança, não se sabe ao certo, poucos séculos depois, Átila, crudelíssimo rei dos vândalos, devastador de quase toda a Itália, primeiramente assassinou e depois dispersou, senão todos, pelo menos a maior parte daqueles cidadãos que eram nobres de sangue, ou tinham, por qualquer outra condição, alguma fama, reduzindo a cidade a cinzas e ruínas, de tal maneira que se crê que deste modo tenha permanecido por trezentos anos (BOCCACCIO, 1995, II, p. 4).

Depois disto, o romano império, afirma o autor, foi trasladado para a Gália e Carlos Magno, clementíssimo rei dos franceses, foi elevado à condição de alteza imperial. Este, “crendo-se movido pelo espírito divino, reedificou

a cidade desolada e, igualmente a Roma, a fez habitada, recolhendo dentro dela aquelas poucas relíquias que restaram dos antigos cidadãos expulsos” (BOCCACCIO, 1995, II, p. 4).

Na sequência, Boccaccio narra a forma como Florença foi recolonizada e como surgiram os Alighieri. Para ele, o antigo antepassado de Dante fora certo “cavaleiro de arma, bom senso e considerável valor” chamado Cacciaguida.³ Este, de acordo com Boccaccio, descendia de Eliseu Frangiapani, um dos primeiros reedificadores de Florença após sua destruição pelos guerreiros de Átila. Cacciaguida esposara uma moça da família dos Aldighieri de Ferrara, da qual, com o passar dos anos e a subtração da letra “d”, adveio o nome dos Alighieri “il che ancora dura infino a questo giorno” (BOCCACCIO, 1995, II, p. 5).⁴

A história, narrada por Boccaccio, parece ter sido extraída da *Divina Comédia* onde, no canto XV do Paraíso, Dante descreve o encontro com seu trisavô Cacciaguida, que narra sua origem:

Ó fronde minha que, só à tua espera,
já me aprazeste, a tua raiz fui eu.
Deves saber que quem se considera
que o primeiro o teu nome recebeu,
e ora no monte a se purgar padece,
foi o teu bisavô e filho meu.
(ALIGHIERI, Canto 15, v. 88-93)

Foram-me meus irmãos Moronto e Eliseu;
do Val do Pó veio a minha mulher;
e dela veio o sobrenome teu
(ALIGHIERI, Canto 15, v. 136-138).

A descrição do nascimento de Dante assume, no *Trattatello*, um caráter mitológico. De acordo com Boccaccio, a mãe do poeta, muito tempo antes de dar à luz, viu, em sonho, o que viria a ser o fruto do seu ventre. De forma bucólica e auspiciosa, o autor do *Decamerão* narra esse episódio:

Parecia, a gentil dona, em seu sono, estar sob um altíssimo pé de louro,
num verde prado, ao lado de uma claríssima fonte e aí, sentido as dores
do parto, dera à luz a um menino, o qual, em brevíssimo tempo, passou

³ Dante menciona o nome de Cacciaguida na *Divina Commedia*, no canto XV do Paraíso. Cacciaguida combateu na Segunda Cruzada ao lado do imperador Conrado III, morrendo, provavelmente por volta de 1147, nos campos da Síria.

⁴ “O qual ainda permanece até estes dias”.

a se alimentar somente com as gotas de orvalho que caíam do loureiro; e de uma clara fonte lhe parecia surgir um pastor que se empenhava para obter, da copa da árvore, o fruto que o nutria; e nisto esforçando-se, pareceu-lhe vê-lo cair e revelar-se não mais como um homem, mas como um pavão. Aquela coisa lhe causou tanta admiração que rompeu seu sono; não muito tempo depois, a hora do parto chegou e ela pariu um menino ao qual, em comum acordo com o pai, deu o nome de Dante: e por merecimento, como veremos, ao nome se seguiu o efeito (BOCCACCIO, 1995, II, p. 5).

Após um longo elogio, o autor situa, politicamente, o nascimento de Dante entre a morte de Frederico II – segundo ele, no ano de 1265 – e a ascensão de Urbano IV ao sólio pontifical. Neste ambiente, cujo vácuo de poder deu azo às lutas facciosas, o poeta passou a sua primeira infância entregue “alle fanciullesche lascivie e agli ozii, nel grembo della madre impigrendo” (BOCCACCIO, 1995, III, p. 6).⁵ Todavia, é aí “quale assai segni apparirono della futura gloria del suo ingegno”.⁶ Continua Boccaccio (1996, III, p. 6):

Com o passar dos anos, foi crescendo junto com ele o ânimo e o engenho se dispôs, não aos estudos lucrativos, para os quais, geralmente, hoje em dia, todos correm, mas a um louvável desejo de perpétua fama [*tratto*], desprezando a transitoriedade da riqueza, liberalmente se deu ao pleno conhecimento das ficções poéticas e suas engenhosas demonstrações. Naquele exercício tornou-se *familiarissimo* de Virgílio, de Horácio, de Ovídio, de Stazio e de todos os outros poetas famosos; não somente tendo como desejável o conhecer-lhes, mas, também, altamente cantando, se pôs a imitá-los, como mostram as suas obras e sobre as quais, a seu tempo, discutiremos.

Ademais, para Boccaccio, as obras poéticas de Dante não eram vãs ou simples fábulas, como muitos tolos estimavam, pois nelas se ocultavam “dolcissimi frutti di verità istoriografe o filosofiche” (BOCCACCIO, 1995, III, p. 6).⁷ A esse conhecimento, se somou o estudo das filosofias moral e natural, da história e da poética. E foi a partir daí que Dante, de acordo com Boccaccio, discutiu a história, dividindo os tempos segundo suas próprias concepções, e a filosofia sob a perspectiva de diversos doutores. Sua formação intelectual se completou, posteriormente, em Bolonha e, próximo à velhice, em Paris, onde estudou teologia (BOCCACCIO, 1995, III, p. 6).

⁵ “Aos gozos lascivos da meninice e aos ócios, no seio da mãe, se espreguiçando”.

⁶ “Que apareceram muitos sinais da futura glória de seu engenho”.

⁷ “Docíssimos frutos de verdadeira historiografia ou filosofia”.

Nessa atmosfera de prazeres, ócios e estudos, Dante conheceu aquela que seria a musa inspiradora de toda a sua obra: Beatriz. Segundo Boccaccio, o poeta tinha, naquela ocasião, menos de nove anos, quando, numa festa promovida pelo pai da moça, Folco Portinari, a viu pela primeira vez:

No tempo em que a doçura do céu reveste a terra de seus ornamentos e todas as variedades de flores misturadas entre as verdes frondes a faz alegre, era costume de nossa cidade, dos homens e mulheres em suas ruas, cada um, em distintas companhias, festejar. Disto resulta que, dentre eles, por acaso, Folco Portinari, um homem bastante abominável entre seus concidadãos, tinha recolhido, no primeiro dia de maio, em sua casa, os vizinhos próximos para festejar, e entre eles estava o já mencionado Alighieri. Dante, que não tinha nove anos completos, assim como todos os meninos menores que querem seguir seus pais aos lugares festivos, havia seguido o seu. Neste ambiente, misturado aos muitos meninos da sua idade, machos e fêmeas, depois de servidas as primeiras refeições adequadas à sua idade, infantilmente se pôs, com os outros, a divertir (BOCCACCIO, 1995, v, p. 7).

Boccaccio continua dizendo que, na multidão de jovens, estava uma das filhas de Folco Portinari, chamada Beatriz, uma jovem de oito anos, de palavras modestas, gentil e muito agradável nos gestos e nos costumes. A partir desse momento a imagem da *angioletta*⁸ (BOCCACCIO, 1995, V, p. 7) e a sua morte, aos vinte e quatro anos, o acompanhou por toda a vida, transformando-o num homem melancólico. Neste ponto, Boccaccio carrega na cor o quadro de seu sofrimento. Segundo ele, Dante foi tomado por

tanta dor, tanta aflição, tantas lágrimas derramou que muitas das pessoas próximas, parentes e amigos, acreditaram que não havia outro fim para ele senão a morte. E estes estimaram-na próxima, vendo-o sem alívio, sem dar ouvidos a qualquer consolação. Os dias eram-lhes iguais às noites e as noites iguais aos dias; nenhuma hora transcorria sem problemas, sem suspiros, sem copiosa quantidade de lágrimas; e seus olhos pareciam duas abundantíssimas fontes de água ressurgente (BOCCACCIO, 1995, VI, p. 8).

Com o tempo, descreve Boccaccio (1996, VI, p. 8), Dante deixou de sofrer por Beatriz e, com reto juízo, colocou a razão no lugar da dor. Então seus parentes, tirando-o das dores e trazendo-o para a alegria, pensaram em

⁸ Por não existir no português um sinônimo capaz de expressar o justo significado desse termo, preferimos deixá-lo na língua original. Grosso modo, o sentido mais próximo seria “pequeno anjo”, “querubim”, “arcanjo”, “criança ingênua e linda”.

dar-lhe uma mulher, pois acreditaram que, “come la perduta donna gli era stata di tristizia cagione, così di letizia gli fosse nuovamente acquitata” (BOCCACCIO, 1995, VI, p. 8).⁹ Todavia, Boccaccio pergunta, “qual medico s’ingegnerà di cacciare l’aguta febre col fuoco, o il freddo delle medola dell’ossa col ghiaccio o con la neve?” (BOCCACCIO, 1995, VII, p. 9).¹⁰ Noutras palavras, se o amor foi causa do sofrimento do poeta, outra paixão não seria uma renovação da tristeza? Pois, prossegue Boccaccio,

Quem duvida que sua esposa, quer seja bela ou não bela, não caia em juízo vulgar? Se bela acredita-se reputada, mas quem duvida que ela de repente não tenha muitos amantes, dos quais alguns têm a beleza, outros a nobreza e outros as maravilhas da bajulação? E quem com dons, com amabilidade, desagradavelmente combaterá sua inconstância? Aquela que muitos desejam, dificilmente será preservada por alguém. A pudicícia das esposas não precisa ser tomada mais de uma vez para fazê-las infames e perpetuar-lhes os dolorosos martírios (BOCCACCIO, 1995, VII, p. 10).

A mulher é apresentada, no *Trattatelo*, como símbolo da incontinência, do desleixo, da ignorância e do ódio. Boccaccio pergunta: “que digo de seus costumes? Se quero mostrar como e quanto elas são todas contrárias à paz e ao repouso dos homens, eu retiro meu argumento de muitos e longos sermões. Porém, um só geralmente basta para ter-lhe dito” (BOCCACCIO, 1995, VII, p. 10). Depois de censurar a natureza feminina e o casamento, Boccaccio faz uma ressalva: “certo io non affermo queste cose a Dante essere avvenute” (BOCCACCIO, 1995, VII, p. 10).¹¹ E conclui: “os filósofos deixaram o casamento aos ricos estúpidos, aos senhores e aos lavradores, pois eles se deleitam com a filosofia, uma esposa melhor que qualquer outra” (BOCCACCIO, 1995, VII, p. 10).

O envolvimento de Dante com a política se deu, segundo Boccaccio, em virtude de sua intelectualidade. Sua autoridade era tanta que

nenhuma alegação se escutava, nenhuma se respondia, nenhuma lei se firmava, nenhuma aí se revogava, nenhuma paz se fazia, nenhuma guerra pública se empreendia, e brevemente, nenhuma deliberação, a qual alguém portando pusesse, se antes ele não dissesse a sua sentença.

⁹ “Como a perdida amada só lhe tinha sido motivo de tristeza, assim sua alegria fosse novamente conquistada”.

¹⁰ “Qual o médico que se empenhará em afastar a aguda febre com o fogo e o frio da medula óssea com o gelo ou com a neve?”

¹¹ “Certamente eu não afirmo que estas coisas tenham acontecido a Dante”.

Nele, toda a fé pública, nele toda a esperança, nele sumariamente as coisas divinas e humanas pareciam estar formadas (BOCCACCIO, 1995, VIII, p. 10).

Segundo Boccaccio, no tempo de Dante, a cidadania florentina estava dividida entre guelfos e gibelinos. Essas duas facções, por meio de operações sagazes e astutos princípios, se faziam tão poderosas que, algumas vezes, uma legislava sobre a outra. Diante dessa situação política, Dante buscou, através de conselhos, convencer os homens acerca dos benefícios da unidade. Mas esses, obstinados no ódio e na animosidade, que dia após dia se tornavam maiores, passaram a combater ferozmente entre si até que uma parte venceu a outra. A atmosfera política de Florença nesta época foi descrita por Boccaccio da seguinte forma:

O ódio e a animosidade adquiridos, ainda que tivessem surgidos sem justa causa, dia após dia tornavam-se maiores, enquanto que os cidadãos, em grandíssima confusão, muitas vezes recorreriam às armas com o intuito de pôr fim às suas brigas a ferro e fogo. Assim, cegados pela ira, não viam-se, com ela, miseravelmente perecer. Mas, depois de cada parte ter, muitas vezes, dado prova de sua força com recíprocos danos, chegado o tempo em que se deviam descobrir os ocultos conselhos da ameaçadora Fortuna, a fama, relatora igualmente do verdadeiro e do falso, anunciando os adversários da parte tomada por Dante – forte em maravilhosos e astutos conselhos e de grandíssima multidão de armados – afugentou seus principais coligados que, de todo conselho, toda prudência e todo argumento que perseguiu para si, nada procurou, senão, com fuga, a sua saúde. Junto com eles estava Dante que, naquele momento, afastado do alto regimento da sua cidade, viu-se não somente escorraçado, mas caçado por ela (BOCCACCIO, 1995, IX, p. 11).

Não muito tempo depois, ainda de acordo com Boccaccio, os vencedores fizeram uma reforma na cidade e declararam seus adversários, principalmente Dante, inimigos da República,¹² condenando-os ao exílio perpétuo, reduzindo suas propriedades em bens públicos, ou alienando-as em proveito próprio. Isto posto, exclama nosso autor: “questo merito riportò Dante del tenero amore avuto alla patria! Questo merito riportò Dante dell’aver con ogni sollecitudine cercato il bene, la pace e la tranquillità de’ suoi cittadini!” (BOCCACCIO, 1995, X,

¹² Aqui se faz referência à cidade de Florença.

p. 11-12).¹³ E, em reprovação à conduta dos florentinos, Boccaccio, mais uma vez, resgata as palavras de Sólon já utilizadas no início do *Trattatello*: “quem será, portanto, aquele que, observando estas coisas, pode dizer que a nossa pátria com este pé não manca?” (BOCCACCIO, 1995, X, p. 12).

A partir disso, Boccaccio discorre longamente sobre as andanças de Dante pelas cidades do norte da Itália, tais como Verona, Bolonha, Pádua; posteriormente, após perder as esperanças de regressar à sua cidade, foi para Paris estudar filosofia e teologia. Neste meio tempo, em novembro de 1308, Henrique de Luxemburgo foi elevado ao cargo de Imperador do Sacro Império Romano Germânico pelo papa Clemente V. Este fato, acrescido do assédio da cidade de Brescia pelo Imperador e seu desejo de subjugar toda Itália, reacendeu a esperança do poeta em regressar a Florença. Todavia, a morte inesperada do Imperador pôs fim ao sonho de retornar a sua pátria. Tendo já ultrapassado os Apeninos, Dante chegou à cidade de Ravena, na Romanha, onde foi recebido, honrosamente, pelo senhor daquele lugar, o cavaleiro Guido Novel da Polenta, e onde permaneceu até os seus últimos dias (BOCCACCIO, 1995, XII, p. 13).

Em Ravena, no castelo do marquês Moruello de Malaspina, Dante concluiu sua principal obra, a *Divina Comédia*.

Todavia, como a cada um chega sua hora, estando ele enfraquecido, já no meio ou próximo dos cinquenta e seis anos, tendo recebido humildemente todo sacramento eclesiástico, segundo a religião cristã, e, por constrição de todas as coisas cometidas por ele contra o que é agradável a Deus, como homem, reconciliou-se. No mês de setembro nos anos de Cristo, 1321, no dia em que se celebra a exaltação da Santa Cruz na Igreja, não sem grandíssima dor do supradito Guido e de todos os cidadãos ravinanos, entregou, ao seu Criador, o seu fatigado espírito, o qual não duvido que tenha sido recebido nos braços da sua nobilíssima Beatriz, na presença daquele que é o sumo bem. Deixada a miséria da presente vida, ora, contentíssimo, vive naquela, cuja felicidade jamais se espera o fim (BOCCACCIO, 1995, XIV, p. 14).

Em seguida, Boccaccio compara as homenagens que os cidadãos de Ravena prestaram ao poeta com os antigos, dizendo que esses honraram Dante com *egregia sepoltura*, poemas e *marmi intagliati* (1996, XV e XVI, p. 14-15). Também neste trecho do *Trattatello*, mais uma vez, Boccaccio contrapõe

¹³ “Este mérito obteve Dante por ter amor à pátria! Este mérito obteve Dante por ter, com toda solicitude, buscado o bem, a paz e a tranqüilidade dos seus cidadãos!”

às prestimosas ações dos ravinanos a ingratidão dos florentinos, dizendo: “Oh ingrata pátria! Que negligência, que demência tinha quando o teu caríssimo cidadão, teu precípua benfeitor, teu único poeta, o colocaste, com crueldade, em fuga?” (BOCCACCIO, 1995, XVIII, p. 15). Em seguida, após longa condenação a Florença pelas injúrias cometidas contra Dante, Boccaccio exorta-a a seguir o exemplo de outras tantas cidades do passado, como Atenas, Argos, Pilos, Smirna, Chios, Mantova, Veneza etc. E finaliza conclamando os florentinos a reparar os males que fizeram ao poeta, reavendo seus restos mortais e restituindo-lhe a cidadania:

Se o ódio, a ira e a inimizade cessam com a morte de qualquer um que morra, tal como se crê, comece por regressar, em ti mesma, ao teu reto conhecimento. Comece a envergonhar-te do que fizera contra tua antiga humanidade; comece por parecer mãe e não mais inimiga. Concedas ao teu filho as lágrimas devidas, dê-lhe a materna piedade; e àquele, ao qual tu refutastes, antes caçado vivo como suspeito, queira, ao menos, reavê-lo morto. Restitua a tua cidadania, a tua pátria, a tua graça à sua memória. Em verdade, ainda que tu a ele tenhas sido ingrata e insolente, ele sempre, como um filho, teve-te em reverência. Jamais quis privar-te da honra de suas obras, assim como tu o privaste de sua cidadania. Ainda que o exílio lhe fosse longo, sempre se nominou e quis ser nominado florentino; sempre, ante toda cidade, te exaltou; sempre te amou. Que farás tu? Estarás sempre obstinada na tua iniquidade? Terá em ti menos humanidade que nos bárbaros, os quais procuram não somente ter os corpos dos seus mortos, mas, para reavê-los, estão virilmente dispostos a morrer? Tu que quer que o mundo creia-te parente da famosa Tróia e filha de Roma, por certo deveria compreender que os filhos devem ser semelhantes aos pais e aos avós. Pois Príamo, na sua miséria, não apenas requereu o corpo do morto Heitor, como também, de igual modo, recuperou o ouro. Os romanos, segundo alguns acreditam, fizeram vir de Miturna os ossos do primeiro Cipião, ele que em sua morte foi renegado. [...] Procuras tu, portanto, ser do teu Dante guardiã, requeira-o (BOCCACCIO, 1995, XVIII, p. 16-17).

Desse ponto em diante, Boccaccio faz um longo comentário acerca da aparência e dos costumes do poeta. Segundo ele, Dante era de *mediocre statura*, nariz aquilino, olhos e maxilares grandes, com o lábio inferior mais avançado que o superior. Sua cor era morena, seus cabelos e barba espessos, negros e crespos, e tinha semblante sempre melancólico e pensativo. Seu andar era grave, comedido, e estava sempre bem vestido. Neste trecho da obra, Boccaccio

aproveita para evidenciar o reconhecimento que Dante gozava na época do exílio, narrando um episódio chistoso, supostamente vivido por ele:

Um dia, em Verona, já sendo divulgada por todos a fama de sua obra, principalmente aquela parte da sua *Comédia* a qual ele intitulou Inferno, e sendo ele também conhecido por muitos homens e mulheres, aconteceu que, passando em frente a uma porta onde várias mulheres sentavam-se, uma delas, não tão baixo que ele e quem mais estivesse com ele não pudesse ouvir, disse às outras: – mulheres, vêem aquele que, segundo sua rica novela, vai ao inferno por entre aqueles que lá embaixo estão e torna quando lhe apraz? Ao que uma delas simplesmente respondeu: – em verdade o que tu dizes é certo: não vês tu como ele tem a barba crespa e a cor morena causada pelo calor e pelo fumo que há lá embaixo? Ouvindo essas palavras e entendendo que elas vinham da crença pura das moças, agradando-lhe, disse de si, posteriormente, quase contente, de que elas fossem de tal opinião e, sorrindo um pouco, continuou (BOCCACCIO, 1995, XX, p. 18).

Para Boccaccio, Dante, “em seus costumes domésticos e públicos, foi admiravelmente metódico e íntegro, e, mais que os outros, cortês e civilizado” (BOCCACCIO, 1995, XX, p. 18). Também, “no comer e no beber foi modestíssimo respeitando as horas devidas e sem ultrapassar a marca da necessidade” (BOCCACCIO, 1995, XX, p. 18). Nos estudos e em qualquer outra coisa, ninguém foi mais vigilante que ele:

Deleitava-se, igualmente, em ser solitário e distante das pessoas a fim de que sua contemplação não fosse interrompida. E se alguém, que muito lhe agradasse, estando ele entre pessoas, ainda que tivesse sido questionado sobre alguma coisa, ainda que para tanto ele tivesse parado ou censurado sua imaginação, jamais respondia a quem o perguntava: o que muitas vezes, estando ele à mesa, ou caminhando por outros lugares em companhia de outrem, perguntado, o mesmo acontecia (BOCCACCIO, 1995, XX, p. 19).

Após louvar as qualidades intelectuais de Dante, Boccaccio descreve a origem da poesia entre os homens primitivos, qualificando-a como instrumento de veneração da *suprema potentia* (BOCCACCIO, 1995, XXI, p. 20) e de conhecimento. Por meio dela, os homens passaram a conhecer as *ampissime e egregie case* (BOCCACCIO, 1995, XXI, p. 20), como os astros, os planetas, o fogo, a água, a terra etc. A poesia também, assegura nosso autor, foi importante na

constituição dos reinos, do direito real e dos súditos. Assim, a poesia tem seus fundamentos radicados tanto na teologia quanto na filosofia. Nas palavras de Boccaccio, “la teogia e la poesia quasi una cosa si possono dire, dove uno medesimo sia il o soggetto; anzi dico più: che la teologia niuna altra cosa è che una poesia di Dio”¹⁴; por isso, segundo ele, Aristóteles afirmou que “le poeti essere stati li primi teologizzanti” (BOCCACCIO, 1995, XXII, p. 23).¹⁵

A referência a Aristóteles e, principalmente, a referência feita a Sólon no início do *Trattatello* dão azo a considerações sobre a filosofia grega. Para Boccaccio, os gregos foram os primeiros a descobrir os segredos da filosofia e dela retiraram a doutrina militar, a vida política e outras tantas coisas que lhes tornaram famosos e reverenciados por todas as nações.

Mas, dentre todos os seus tesouros, trato deste que foi a santíssima sentença de Sólon, posta no início desta opereta; e por isso que a sua república, a qual, naquela época, mais do que as outras, floria, andava correta e sustentava-se sobre dois pés: as penas aos transgressores e os méritos aos valorosos, magnificamente [os gregos] ordenaram e observaram. Mas entre os méritos estabelecidos por eles, a quem bem o empregasse, foi este o principal: o de coroar em público e com consentimento público, a frente dos poetas com louro depois da vitória sobre suas fadigas e, de igual modo, a dos imperadores, os quais, vitoriosamente, ampliaram a República. Julgando que igual glória conviesse a ambos por cuja virtude as coisas humanas, assim como as divinas, são mantidas e elevadas. Os gregos foram os inventores dessa honra que eles passaram para os latinos quando estes, com glória e armas, impuseram o nome romano a todo o mundo. E agora, ao menos nas coroações dos poetas, que rarissimamente acontece, ainda dura (BOCCACCIO, 1995, XXIII, p. 23).

Deste ponto em diante, Boccaccio faz uma descrição dos fatos políticos que marcaram o ano de 1300 e suscitaram a excomunhão e o exílio de Dante. Segundo ele, o poeta, que estava no cargo mais elevado da República florentina, foi enviado a Roma para solicitar do papa Bonifácio VIII a suspensão da missão confiada a Carlos d’Anjou, irmão de Felipe, o Belo, rei de França. Nesta época, a Toscana estava dividida entre as facções denominadas guelfa e gibelina. Dante, confundido como gibelino, foi caçado e banido de Florença pelos guelfos.¹⁶

¹⁴ “Podemos, assim, dizer que a poesia e a teologia é quase uma coisa só, uma vez que possui um mesmo sujeito; e digo mais: a teologia nenhuma outra coisa é que não uma poesia de Deus”.

¹⁵ “Os poetas foram os primeiros teólogos”.

¹⁶ Boccaccio não fornece maiores detalhes dos motivos que levaram à condenação de Dante. Sabe-se que, em

Em seguida, Boccaccio passa a comentar a obra de Dante, mais precisamente o livro *Vita Nuova*, dedicado a Beatriz. Antes de começar sua apresentação, justifica o comportamento luxurioso do poeta:

Entre tantas virtudes, entre tantas ciências, o quanto foi demonstrado possuir este mirífico poeta, encontrou a luxúria amplíssimo lugar e não somente nos anos de juventude, mas também na maturidade. Tal vício, ainda que natural, comum e quase necessário, na verdade, não se deve recomendar, mas desculpar também não se pode dignamente. Mas quem será entre os justos mortais o juiz para condenar-lhe? Eu não serei (BOCCACCIO, 1995, XXV, p. 25).

Em seguida, Boccaccio discorre sobre uma série de personagens mitológicos e bíblicos que justificam o erro pela condição humana. Incurreram neste vício Júpiter, Hércules e Paris, tanto quanto David, Salomão e Herodes. “Portanto, entre tantos e tais não desculpados, mas sim denunciados, com muito menos importância pode passar o nosso poeta” (BOCCACCIO, 1995, XXV, p. 26). Dito isto, Boccaccio apresenta o pequeno volume (*volumetto*) de *Vita Nuova* como sendo um livro de sonetos e canções maravilhosamente belos. Mas é no final do texto que o autor faz revelar o motivo pelo qual acusou Dante do vício da luxúria, dizendo que, algum tempo após ter feito este *libretto*, nos anos de maturidade, “se envergonhou muito, contudo, considerada a sua idade, é muito belo e agradável, principalmente, aos vulgos” (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 26).¹⁷

A partir daí, Boccaccio passa a discorrer sobre a *Divina Comédia*, afirmando ter sido esta obra, fruto de *uno alto pensiero*¹⁸ (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 26), com a qual Dante pretendia “esmagar com gravíssimas penas os viciosos, honrar os valorosos com altíssimos prêmios e preparar para si perpétua glória” (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 26). De acordo com nosso autor, o poeta iniciou sua obra por volta dos trinta e cinco anos, portanto, em 1300, durante o *governo della repubblica* (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 26). Havia composto sete cantos, mas foi obrigado a interromper o trabalho em virtude do *gravoso accidente della*

1300, quando foi prior daquela cidade, buscou remediar os tumultos causados pelas facções, solicitando o afastamento cautelar de seus respectivos líderes. Alguns meses depois, os gibelinos, liderados por Vieri de' Cerchi, regressaram a Florença, enquanto os guelfos permaneceram no exílio. Com o auxílio do papa Bonifácio VIII e o amparo militar de Carlos d'Anjou, os guelfos, chefiados por Corso Donati, tomaram a cidade e baniram os gibelinos e, junto com eles, Dante Alighieri que, embora fosse prior de uma cidade dominada pelos gibelinos, não fazia parte desta facção (cf. VILLANI, 1997, X, 126, p. 344-345).

¹⁷ Escrito em 1293 e 1294, o livro *Vita Nuova* expressa a sublimidade do amor juvenil. Todavia, no livro *Convívio (Convivio)*, escrito entre os anos de 1304 e 1307, Dante buscou corrigir o caráter sensual do seu amor por Beatriz, alegando que sua beatitude o levou ao verdadeiro do amor.

¹⁸ “Um alto pensamento”.

*sua cacciata*¹⁹ (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 27). Por muitos anos a parte da obra intitulada *Inferno* esteve desaparecida, até que alguém, cujo nome Boccaccio não menciona, a encontrou e a entregou a Dino di messer Lambertuccio, um *uomo d'alto intelletto*²⁰ e *famosissimo dicitor*²¹ de Florença (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 27). Dino, maravilhado com o estilo, a beleza e a profundidade do texto, e lamentando por não estar concluído, o enviou ao Marquês Morruello Malespina que, naquele momento, dava proteção ao poeta. A obra foi recomeçada, mas Dante morreu deixando-a, inconclusa, aos dois filhos, Iacopo e Piero. Aqui também Boccaccio narra um episódio envolto em mistérios e de contestado crédito. Conta ele que certo cidadão ravinano, chamado Piero Giardino, discípulo de Dante, foi até a casa em que morava Iacopo e a ele falou que, na noite anterior, seu pai teria lhe aparecido em sonho, trajando alvíssimas roupas e com uma luz resplandescendo no rosto. Giardino diz ter perguntado a Dante se ele teve tempo de concluir a sua obra e onde ela estaria.

A esta pergunta lhe pareceu, pela segunda vez, ouvir por resposta: – sim, eu a concluí; e aí pareceu que ele o segurava pela mão e o conduzia àquela câmara onde costumava dormir nesta vida e, tocando uma parte da câmara, disse: – está aqui aquilo que haveis procurado (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 28).

Iacopo e Piero Giardino foram procurar o lugar indicado e ali, “sob uma esteira cravada na parede, a qual levemente ergueram, viram, na parede, uma pequena abertura (*finestretta*), por nenhum dos seus jamais vista nem sabida que aí estivesse” (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 28) e nela encontraram alguns escritos mofados pela umidade e quase danificados. Após uma limpeza, perceberam que se tratava dos treze cantos que faltavam à *Divina Comédia*.

Em seguida, Boccaccio faz um breve comentário acerca dos últimos livros de Dante. *A Monarquia*, diz ele, se *divenne molto famoso*²² (BOCCACCIO, 1995, XXVI, p. 29) por ter sido usado por Ludovico, Duque da Baviera, para legitimar suas ações e propósitos ante a Igreja Católica. Ao ser coroado rei, em Roma, Ludovico, ou Luís IV da Baviera, tentou destituir o papa João XXII elevando o frade franciscano Pietro della Corvara ao trono pontifical. Isto

¹⁹ “Gravoso acidente da sua caçada”.

²⁰ “Homem de alto intelecto”.

²¹ “Famosíssimo declamador”.

²² “Tornou muito famoso”.

levou o cardeal Beltrando del Poggetto a considerá-lo como livro herético e queimá-lo publicamente. Este cardeal, diz Boccaccio, se esforçava para fazer dos restos mortais de Dante uma eterna infâmia e tornar confusa a sua memória. A respeito do livro *Convivio*, o autor diz tratar-se apenas de um comentário, em língua vulgar, sobre três das suas extensas canções. Próximo à morte, Dante também compôs um pequeno livro, intitulado *De vulgari eloquentia*, por meio do qual pretendia ensinar a doutrina da expressão poética.

Para concluir, Boccaccio comenta o sonho que a mãe de Dante teve antes de seu nascimento e que, no seu entendimento, fora uma manifestação da vontade divina. De acordo com o autor, são três os significados atrelados ao louro, a *álbore di Febo* (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 31), nesse sonho: o primeiro, parece indicar a disposição do céu na hora do nascimento do poeta, demonstrando, segundo os teólogos e os filósofos naturais, que ele teria inclinações à magnanimidade e à eloquência poética; o segundo significado refere-se a um costume dos antigos, apropriado pelos modernos, de usar o louro para coroar os poetas mais notáveis, a exemplo de Petrarca, coroado em 1341 no Capitólio, em Roma; o terceiro e último sentido refere-se às gotas de orvalho que caíam do loureiro e que serviam para alimentar a criança. Para Boccaccio, essas gotas significavam os muitos livros e doutrinas nos quais Dante fora *altissimamente* instruído. A fonte límpida que aparece no sonho nada mais era que a fertilidade filosófica da doutrina moral e natural, através da qual se conhece a essência e as causas naturais.

A imagem do pastor que aparece no sonho é uma metáfora um pouco mais complexa. Segundo Boccaccio, trata-se da excelência do talento de Dante, o qual se caracterizou pela brevidade de tempo com que ele absorveu dos estudos aquilo que era necessário para tornar-se *pastore, cioè, datore di pastura agli altri ingegni di ciò bisognosi* (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 32).²³ Noutras palavras, o que Boccaccio quis ressaltar é que o conhecimento adquirido por Dante serviu à formação de outros intelectuais. O pastor deve ser compreendido de duas maneiras: uma delas se relaciona com o corporal e a outra com o espiritual. O pastor corporal deve ser entendido também de duas maneiras: uma como os guardadores de rebanhos normais, de carneiros, bois ou qualquer outro animal; outra como o pai de família a quem convém apascentar o rebanho de filhos, servidores e outros dependentes. O pastor espiritual, igualmente, se apresenta de

²³ “Pastor, isto é, doador de pastagem a outras inteligências necessitadas”.

duas maneiras: como pastor de igreja, ou seja, preladados, pregadores, sacerdotes etc., cuja função é pastorear o ânimo dos viventes com a palavra de Deus; a outra maneira corresponde àquele que possui ótima doutrina ou procura obter, por meio da leitura, aquilo que foi escrito pelos antigos, às vezes reescrevendo o que lhe parece obscuro ou omissivo. Esses são chamados doutores e têm por função formar o ânimo e a inteligência de ouvintes e leitores. Deste modo, garante Boccaccio, Dante passou rapidamente de poeta a pastor. E por último,

considera-se que a sua *Comédia*, com doçura e beleza, apascenta não somente aos homens, mas às crianças e às mulheres; e, com admirável suavidade e profundíssimos significados ali ocultados, [a *Comédia*] recria e apascenta os mais solenes intelectos (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 32).

O esforço do pastor para alcançar, na fronde do loureiro, o fruto que lhe nutria, de acordo com Boccaccio, revela o *ardente desiderio* de Dante de ser laureado como insigne poeta. A queda do pastor sem conseguir obter o pretendido fruto era, na verdade, a predição de que ele morreria sem conseguir tal honraria.

Em continuação, Boccaccio diz que a transformação do pastor em pavão significou uma antecipação daquilo que seria a posteridade de Dante e de sua obra principal, a *Divina Comédia*. Como o significado do pastor já fora discutido, o autor passa a comentar o sentido do pavão:

O pavão, entre outras propriedades, pelo que parece, tem quatro características notáveis: a primeira é que ele tem uma pena angélica, na qual tem cem olhos; a segunda é que ele tem pés sujos e andar tácito; a terceira é que ele tem uma voz horrível de se ouvir; a quarta e última é que a sua carne é odorante e incorruptível. Estas quatro coisas tem a *Comédia* do nosso poeta (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 32).

O significado da *Divina Comédia*, afirma Boccaccio, é semelhante à carne do pavão, pois o sentido moral ou teológico de qualquer uma de suas partes é simples e imutável verdade, a qual não se pode ser corrompida. Quanto mais se investiga, maior é o odor de sua incorruptível suavidade. A pena angélica que reveste o corpo do pavão, assim como o dos anjos, é a “beleza da história que soa na superfície das letras da *Comédia*” (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 33). Os cem olhos que alguns dizem ter na cauda do pavão corresponderia ao número de cantos da *Comédia*.

Os pés sujos (*pie sozzzi*) e o andar tranquilo do pavão, segundo Boccaccio, referir-se-ia ao estilo no qual foi escrito a *Divina Comédia*:

Se é sobre os dois pés que todo corpo se sustenta, assim, também, a princípio, toda obra escrita se sustenta sobre o modo de falar. E o *parlare volgare*,²⁴ no qual todo conjunto da Comédia se sustenta, a despeito do alto e magistral estilo literário que outros poetas usam como se fosse o mais belo e conforme aos talentos modernos, è *sozzzo* (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 33).

Quanto ao andar calmo e sossegado dessa ave, Boccaccio explica que significava a humildade da língua vulgar. A correspondência entre a voz horrível (*orribile*) do pavão e o conteúdo da *Comédia* de Dante está consubstanciada pela acerbidade que ambas possuem. A suavidade das palavras do poeta, garante Boccaccio, será aparente apenas para quem, sem nenhuma culpa, intimamente observar seus preceitos e, otimamente, com eles se identificar. Pois, pergunta ele,

o que mais horrivelmente grita dele [Dante] quando com acerba invenção repreende os erros dos muitos viventes e castiga a culpa dos omissos? Qual voz é mais hórrida que a do castigador para quem está disposto a pecar? Certamente ninguém. Com suas demonstrações, ele, subitamente, admoesta os bons e aflige os malvados. Portanto, pode-se dizer que teve, verdadeiramente, uma voz horrível. Por tais coisas e por outras já mencionadas, parece que aquele que viveu pastor, depois da morte, tornou-se pavão tal como se acredita ter sido, por inspiração divina, mostrado no sono à cara mãe (BOCCACCIO, 1995, XXIX, p. 33).

Boccaccio conclui seu *Trattatello* dizendo que a sua pequena barca, finalmente, chegou ao porto para render graças àquele que feliz vento tem prestado às suas velas; com humildade, devoção e afeição, diz ele, não tão grandes quanto convém, mas “naquilo que posso, sigo bendizendo eternamente seu nome e o seu valor”.

Leonardo Bruni, por sua vez, chanceler da cidade de Florença, escreveu, em 1436, um opúsculo intitulado *Della vita, studi e costumi di Dante*. O autor começa a sua obra fazendo o seguinte comentário:

Tenho, nestes dias, posto fim a uma obra muito longa. Me veio o desejo, para descansar do fadigado trabalho, de ler alguma coisa em língua vulgar, pois, assim, tal qual a comida, uma mesma lição continuada

²⁴ A rigor, “falar vulgar”, todavia, sabemos que o termo faz referência ao uso da língua vulgar, à forma como as pessoas comuns falavam e na qual diversos autores da Idade Moderna escreveram suas obras.

aborrece. Portanto, com este propósito, me veio às mãos uma opereta de Boccaccio intitulada: *Della vita, costumi e studii del clarissimo poeta Dante*, a qual, embora eu já tivesse, noutro momento, diligentemente lido, me propus a examiná-la de novo. Pareceu-me que o nosso Boccaccio, homem muito afável e delicado, escrevesse a vida e os costumes de tão sublime poeta como se estivesse a escrever o Filocolo, ou o Filostrato, ou a Fiammetta. Pois está plena de amores, de suspiros e de apaixonadas lágrimas, como se o homem nascesse neste mundo somente para encontrar-se naquelas dez Jornadas amorosas, as quais, para mulheres apaixonadas e para graciosas jovens foram contadas as cem novelas. E tanto se inflama de amores nestas partes, que as coisas graves e substanciais da vida de Dante deixa para trás e passa em silêncio, recordando as coisas fugazes e calando-se das graves. Eu, portanto, pus no coração, para meu divertimento, escrever de novo a vida de Dante com maiores informações das coisas estimáveis. E não faço isto para derrogar Boccaccio, mas para que o meu escrito seja quase um complemento do seu (BRUNI, 1999, § 1, p. 3).²⁵

A partir dessas considerações, Bruni passa a descrever as coisas que, segundo ele, eram as mais estimáveis na vida de Dante. Começa negando as questões primeiras do texto de Boccaccio, ou seja, a egrégia procedência do poeta. Para Bruni, não era certo que seus antepassados tivessem sido os fundadores de Florença:

Os antepassados de Dante foram, em Florença, de muita antiga estirpe, tanto que ele parece desejar que os seus ancestrais estivessem entre aqueles romanos que fundaram Florença, mas isto é coisa muito incerta e segundo meu parecer, nada mais é que adivinhar. Dentre aqueles que tenho notícia está seu trisavô, o cavaleiro florentino *messer Cacciaguida*, que militou sob o comando do imperador Conrado. Esse teve dois irmãos, um chamado Moronto, o outro Eliseu. Não de Moronto, do qual não se conhece qualquer descendência, mas de Eliseu nasce a família denominada Eliseus; porém é também possível que este nome já existisse. De Cacciaguida nasceram os Aldighieri, assim chamado a partir de um filho seu que, por linhagem materna, teve o nome Aldighieri (BRUNI, 1999, § 2, p. 3).

Para conferir veracidade às suas informações, Bruni localiza a parte da cidade de Florença onde os Alighieri viveram:

Messer Cacciaguida e seus irmãos habitaram quase ao lado da Porta de São Pedro, onde antes se entrava para o *Mercato Vecchio*, nas casas

²⁵ Todas as traduções do *Della vita studi e costumi di Dante* são de nossa responsabilidade.

que ainda hoje se chamam casas dos Eliseus, porque para si restou a antiguidade. Os descendentes de Cacciaguida, os ditos Aldighieri, residiram atrás da praça do Bispo São Martinho, de frente à via que leva à casa dos Sacchetti e da outra parte se estende para a casa dos Donati e dos Giouchi (BRUNI, 1999, § 2, p. 3).

À infância, descrita por Boccaccio como uma fase repleta de delícias, ócios e paixão, Bruni impõe as durezas da vida real. Segundo o chanceler, Dante nasceu em 1265, “pouco depois do retorno dos Guelfos a Florença, exilados depois da derrota de Monte Aperto” (BRUNI, 1999, § 3, p. 3). Teve uma educação liberal e logo manifestou “enorme talento e grande aptidão para as coisas excelentes” (BRUNI, 1999, § 3, p. 3-4). Ainda cedo, perdeu o pai; todavia, foi confortado pela família e por Brunetto Latini que, segundo Bruni, foi um *valentissimo uomo* que “se dedicou não somente à literatura, mas a todos os estudos liberais, não deixando para trás nada do que é apropriado para fazer um homem excelente” (BRUNI, 1999, § 3, p. 4). Com tudo isso, ressalta Bruni, Dante não se fechou no ócio, nem se privou das coisas do mundo. Ao contrário, “vivendo e conversando com os outros jovens da sua idade, educado, prudente e valoroso, se encontrava em todos os exercícios juvenis” (BRUNI, 1999, § 3, p. 4). Ainda jovem, Dante participou da batalha de Campaldino, onde combateu “vigorosamente a cavalo na primeira fila” (BRUNI, 1999, § 3, p. 4). Ali, segundo o chanceler, o poeta passou por grave perigo porque a fileira equestre, a primeira a empreender batalha, foi tempestuosamente devastada pela cavalaria arentina. Vencidos e esfarrapados, tiveram que fugir a pé. Os cavaleiros arentinos puseram-se a persegui-los deixando para trás sua infantaria (*schiera pedestre*). Deste modo, os cavaleiros tiveram que combater os florentinos sem o auxílio dos soldados (*di pedoni*) e estes, sem o apoio da cavalaria. Isto permitiu aos florentinos que haviam fugidos a pé, ao modo da infantaria, combater como um corpo único e *agevolmente vinsero prima i cavalieri e poi i pedoni* (BRUNI, 1999, § 3, p. 4).²⁶ E, finalizando, Bruni reafirma sua discordância em relação a Boccaccio:

Voltando, portanto, ao nosso propósito, digo que Dante se pôs a combater pela pátria nesta batalha. Preferia que nosso Boccaccio tivesse feito a mais breve menção desta virtude do que dos amores de nove anos e de iguais frivolidades que por meio dele se narram de tão grande homem (BRUNI, 1999, § 3, p. 4).

²⁶ “Facilmente venceram, primeiramente, os cavaleiros, depois os peões”.

Como podemos observar, Bruni constrói para Dante a imagem do intelectual predestinado, de um homem destemido e um cidadão virtuoso, capaz de defender sua pátria com a própria vida.

Outro ponto de fundamental importância para Bruni era o comportamento do poeta dito melancólico, taciturno e mais afeito aos livros que às relações sociais. Bruni discorda enfaticamente desse ponto de vista de Boccaccio. Diz ele que depois da Batalha de Campaldino,

Dante retornou para casa e fervorosamente se entregou aos estudos com mais entusiasmo que antes, e nem por isso abandonou nenhuma das conversações urbanas e civis. Coisa milagrosa! Estudando continuamente, a nenhuma pessoa dava a entender que estudasse, dado a alegria habitual e a conversação juvenil (BRUNI, 1999, § 4, p. 4).

Em seguida, Bruni reprova a concepção do saber enquanto graça divina, somente alcançada no recolhimento e no desinteresse pela vida social. O exemplo de Dante, diz ele:

me permite repreender o erro de muitos ignorantes, os quais creem que ninguém é estudante, senão aqueles que se escondem na solidão e no ócio; eu jamais vi nenhum desses camuflados e alheios às conversações dos homens que soubesse três *lettere*.

[...]

O alto e grande talento não precisa de tais tormentos; antes, é verdadeira e certíssima a conclusão que aquele que não apareça logo, não aparecerá jamais; que o alienar-se e retirar-se das conversações é, ao todo, daqueles que, com seu baixo engenho, não estão aptos a empreender nada (BRUNI, 1999, § 4, p. 4).

Bruni afirma a vida pública do poeta e, a um só tempo, contesta seus envolvimento amorosos e a pretensa luxúria descrita por Boccaccio. Em suas palavras, “Dante não apenas conversou civilmente com os homens, como também tomou para si uma mulher em sua juventude. Sua esposa foi uma gentil dama da família dos Donati, chamada pelo nome dona Gemma, com a qual teve vários filhos” (BRUNI, 1999, § 4, p. 5). Logo em seguida, Bruni contesta a desqualificação da mulher, do matrimônio e sua incompatibilidade com o trabalho intelectual feitas por Boccaccio:

Aqui Boccaccio não tem paciência e diz que as esposas são contrárias aos estudos. Não se recorda que Sócrates, o maior filósofo que já existiu, teve mulher, filhos e ofício público na sua cidade; Aristóteles, do qual não se pode dizer nada além de sabedoria e doutrina, teve duas mulheres, em tempos diferentes, filhos e muitas riquezas. E Marco Túlio, Catão, Sêneca, Varrão, sumos filósofos latinos, todos tiveram esposa, filhos e ofício no governo da república. Deste modo, que Boccaccio me perdoe, mas, nesta parte, seus juízos são muito frívolos e distantes da verdadeira opinião. O homem é um animal civil, conforme apraz a todos os filósofos. A primeira relação, da qual, multiplicada, nasce a cidade, é a de marido e mulher. Nada pode ser perfeito onde esta não seja, pois só este amor é natural, legítimo e permitido (BRUNI, 1999, § 4, p. 5).

Portanto, Dante casou-se, teve uma vida civil honesta e estudiosa. Após exercer várias funções públicas, finalmente, tendo chegado à idade devida, tornou-se prior na cidade de Florença. Deste modo, Bruni afirma, com base numa carta escrita pelo próprio Dante, que a partir “deste priorado nasce sua expulsão e todas as coisas adversas que teve na vida” (BRUNI, 1999, § 5, p. 5). Todavia, antes de comentar os fatos que deram azo ao banimento de Dante, Bruni aproveita o ensejo para criticar o texto de Boccaccio por sua falta de sentido histórico. Diz ele: “Ora, a causa de sua expulsão quero particularmente narrar porque é coisa notável e Boccaccio passa por ela com pés enxutos. Talvez para ele não fosse tão notório quanto é para nós, pois é em função da História que temos escrito” (BRUNI, 1999, § 5, p. 5).

Dito isto, Bruni destaca o contexto político das lutas facciosas pelo poder em Florença, assim como a participação de Dante nesse processo, sua condenação e vida no exílio. Segundo ele, a cidade de Florença, que antes estava dividida entre Guelfos e Gibelinos, foi “finalmente deixada às mãos dos Guelfos” (BRUNI, 1999, § 6, p. 5) e permaneceu, por muito tempo, dessa forma até que uma dissensão promoveu a divisão, dando origem aos partidos dos Brancos (*Bianchi*) e Negros (*Neri*). Esta divergência, rotulada por ele como *maladizione* e *perversità*, surgiu primeiramente entre os pistoienses, na família dos Cancellieri.²⁷ Esses, no intuito de amenizar os conflitos em

²⁷ Os Cancellieri estavam entre as mais influentes famílias de Pistoia durante o período medieval. Dino Compagni faz referência a essa família na sua *Cronica delle cose occorrenti ne' tempi suoi*, na qual descreve o modo como os Brancos procuraram trazer os pistoienses para seu lado. Em suas palavras, “estas duas partes, Negros e Brancos, nasceram de uma família que se dividiu, chamada Cancellieri?”. Giovanni Villani, por sua vez, na *Nouva Cronica*, conta que, na segunda metade do *duocento* italiano, uma briga entre primos dividiu os Cancellieri, o que resultou na formação de dois partidos, identificados por *Bianchi* e *Neri*, e estes fizeram da cidade de Pistoia um palco de guerra. Ainda de acordo com Villani, essas lutas atingiram “não apenas a cidade de Pistoia, mas, em seguida, contaminaram com as duas partes Florença e toda Itália” (VILLANI, 1991, IX, 38, p. 245-246).

Pistóia, ordenaram, com o consentimento dos florentinos, que os líderes das facções fossem enviados à Florença para evitar mais agitações naquela cidade. Isto fez com que Florença também fosse dividida e precipitada à fúria dos dois partidos:

Porque tendo os líderes parentescos e amizades em Florença, rápido acenderam o fogo com maior incêndio pelos diversos favores que tinham prestado aos parentes e aos amigos. E, tratando desta matéria em público e em privado, admiravelmente se compreendeu o mal semeado, dividiu-se toda cidade, de modo que quase não houve família nobre nem plebeia que não se dividisse, nem homem algum, de particular estima, que não fosse para uma das facções. E descobriu-se que, em muitas famílias, a divisão era entre irmãos de sangue mantendo-se um de cada lado (BRUNI, 1999, § 6, p. 5-6).

Depois de alguns meses de contenda, garante Bruni, os inconvenientes, com palavras e atos desrespeitosos, foram multiplicados. Estes fatos, levados a cabo pelo estrato mais jovem da população florentina, alcançaram os homens de idade madura e logo toda cidade estava sublevada. Neste ínterim, os Negros, em reunião secreta na Igreja da Santa Trindade, deliberaram por solicitar ao papa Bonifácio VIII o envio de Carlos de Valois a *pacificare e a riformare la terra* (BRUNI, 1999, § 6, p. 6). Ao tomar conhecimento dessa conjura, os Brancos se armaram e forneceram apoio aos priores, enviando-lhes reforços. Tal ação se justificava pela presunção dos Negros, em tentar tomar para si as prerrogativas políticas da cidade. Os Negros, por sua vez, também se armaram e, juntos aos priores, queixavam-se dos seus adversários que, sem deliberação pública, estavam armados, fortificados e querendo expulsar-lhes. Esta facção acusava os Brancos de perturbar a paz pública e exigia que o Priorado os punisse. Com a cidade aflita e em grande perigo, *per consiglio di Dante* (BRUNI, 1999, § 6, p. 6), os priores buscaram apoio no povo e, fortalecidos, confinaram os líderes das duas facções. Após fazer uma lista dos principais líderes, Bruni indica o lugar para onde cada facção foi enviada. A parte Negra, diz ele, foi confinada no Castel della Piave, na Perugia, e os Brancos foram mandados para Serezzana. Contudo, estes, em pouco tempo, retornaram a Florença, dando a entender que os priores, em especial Dante, haviam tramado o seu breve retorno em detrimento dos Negros, que permaneceram no exílio. Deste modo, Bruni afirma que a disparidade de poder, agravada por uma suposta tentativa de golpe

movida pelos Brancos,²⁸ levou o Papa Bonifácio VIII a autorizar a intervenção militar de Carlos de Valois em Florença. Este restituiu o poder aos Negros e, junto com eles, promoveu a expulsão dos Brancos. Por tal acordo, os Brancos dariam a Carlos de Valois o governo da região do Prato e, em contrapartida, este permitiria a superioridade da facção. Em resposta, as tropas francesas, no ano de 1300, invadiram a cidade e a entregaram aos Negros.

Dante, naquele momento, não estava em Florença, pois tinha sido enviado, como embaixador, a Roma para oferecer ao Papa “a concórdia e a paz de seus concidadãos” (BRUNI, 1999, § 7, p. 7). Todavia, a facção Negra já dominava Florença e, indignada pela confinação, correu à casa do poeta, roubou seus pertences e determinou a liquidação de suas propriedades. Posteriormente, sob a alegação de ter feito leis perversas e iníquas, Dante foi condenado, banido de Florença e o que restou de suas propriedades foi transformado em bens públicos.

Após a condenação, Dante foi a Siena, onde se encontrou com outros florentinos que também tinham sido banidos de Florença. Em Gorgonsa, fizeram uma reunião e, finalmente, fixaram-se em Arezzo. Ali instituíram seu capitão geral, o conde Alessandro da Romena, e criaram um novo Conselho dos Doze. Reunidos em grande quantidade, não apenas em Arezzo, mas também na Borgonha e em Pistoia, marcharam, em 1304, contra Florença, conseguindo vencer uma parte da cidade e tomar uma de suas portas. Todavia, foram obrigados pela necessidade a retirar-se, sem ter alcançado seus objetivos. Fracassada a tentativa de invasão de Florença, Dante deixou Arezzo e foi para Verona, onde foi recebido pelo *Signori della Scala*. Ali residiu por algum tempo, “procurando com boas obras e bons comportamentos reconquistar a graça de poder retornar a Florença por espontânea revogação de quem dirigia a cidade” (BRUNI, 1999, § 8, p. 7).

Enquanto aguardava pelo perdão para retornar a sua terra natal, Dante tomou conhecimento da coroação de Henrique de Luxemburgo como imperador do Sacro Império Romano Germânico e de suas pretensões em marchar sobre a Itália. Renovadas, portanto, suas esperanças, agora não mais

²⁸ De acordo com Bruni, certo barão de nome Piero Ferranti revelou ter sido procurado por três gentis homens da parte Branca – Naldo de *messer* Lontino Gherardini, Baschiera della Tosa e Baldinaccio Adimari – para que fizesse, em seus nomes, um trato com Carlos de Valois. Por esse trato, Carlos deixaria seu partido em condição de superioridade na região e, em troca, eles lhes dariam o governo da região do Prato. E, como prova de sua intenção, produziram uma escritura que, segundo Bruni, em sua época, ainda se encontrava no Palácio da *Signoria* em meio a outras escrituras públicas. Contudo, afirma nosso autor, “esta me parece fortemente suspeita e creio, por certo, que seja fictícia” (BRUNI, 1999, § 6, p. 6-7).

no perdão dos florentinos, mas na força do imperador, o poeta intensifica sua campanha, escrevendo contra aqueles que regiam Florença. Contudo, a morte do imperador em Buonconvento pôs fim às suas esperanças. O resto de seus dias Dante passou na pobreza, indo de um lugar para o outro, pela Lombardia, Toscana e Romanha até, finalmente, fixar-se em Ravena, onde morreu (BRUNI, 1999, § 9, p. 8).

Em seguida, Bruni passa a comentar a condição privada e os costumes de Dante. Também nessa parte a contestação feita a Boccaccio é evidente. Para nosso autor, Dante não era rico, mas também não era pobre. Tinha casas em Florença, propriedades nas regiões de Camerata, Piacentina, na Planície de Ripoli e mobílias abundantes e preciosas. Teve um irmão chamado Francesco Aldighieri, mulher e filhos, dos quais ainda havia descendentes.

Quanto aos aspectos físicos do poeta, ainda contrariando Boccaccio, afirma ter sido ele um homem polido, de boa estatura, de agradável aspecto e pleno de gravidade; comunicativo, raro e moderado (*tardo*), mas muito sutil em suas respostas. Era apreciador de música e de sons e de suas mãos saíam egrégios desenhos. No que concerne às paixões de Dante, Bruni, mais uma vez, investe contra os comentários de Boccaccio:

Em sua juventude, Dante teve jovens namoradas e também esteve tomado de semelhante paixão, não por libidinagem, mas por gentileza de coração; também não começou a escrever versos de amor em seus ternos anos, como se pode ver em uma opereta vulgar que se chama *Vita Nuova*. Seu estudo principal foi a poesia, não estéril, nem pobre, nem fantástica, mas fecunda e enriquecida, estabelecida pela verdadeira ciência e por muitíssimas disciplinas (BRUNI, 1999, § 10, p. 8).

O autor prossegue considerando a poesia e a formação de Dante. Na perspectiva de Bruni havia duas maneiras de se tornar um poeta: uma era ter “talento próprio, agitado e comovido por algum vigor interno e oculto que se chama furor e ocupação de mente” (BRUNI, 1999, § 11, p. 8), a exemplo de São Francisco que, segundo ele,

não por ciência, nem por disciplina escolástica, mas por ocupação e abstração da mente aplicava fortemente seu ânimo em Deus, de modo que, no sentido humano, quase transfigurava-se em outro. E conhecia de Deus mais que os teólogos que nem por estudos, nem por literatura O conhecem (BRUNI, 1999, § 11, p. 8-9).

O mesmo se diz de poetas como Orfeu e Hesíodo. O primeiro movia as rochas e as árvores com a sua lira e o segundo, mesmo sendo pastor rude e indouto, tornou-se sumo poeta.

A outra maneira de se tornar poeta,

é pela ciência, pelo estudo, pela disciplina em arte e pela prudência. Desta segunda espécie foi Dante, que pelo estudo de filosofia, teologia, astrologia, aritmética e geometria, pelas lições de história, pela revolução de muitos e vários livros, vigiando e suando nos estudos, conquistou a ciência, a qual devia ornar e esclarecer com seus versos (BRUNI, 1999, § 11, p. 9).

Bruni cita vários autores, separando-os em poetas e prosadores. Dos primeiros, tais como Virgílio, Estácio, Ovídio e Homero, diz: “Estes, portanto, que fizeram obras em versos, foram poetas” (BRUNI, 1999, § 11, p. 9); já Tito Lívio e Salústio não foram poetas porque não fizeram obras em rimas e versos, mas sim em prosa. Dante, diz Bruni, era “muito mais apto a este estilo vulgar e em rima que àquele latino ou literato” (BRUNI, 1999, § 12, p. 10). Todavia, acrescenta Bruni que, segundo o próprio Dante, começou-se a escrever em rima, na Itália, cerca de cento e cinquenta anos antes dele. De acordo com Bruni, os principais poetas italianos desse período foram:

Guido Guinizzelli, bolonhês, Guittone, cavaleiro hedonista de Arezzo, Bonagiuta, de Lucca e Guido da Messina, os quais Dante superou em sentenças, em polidez, em elegância e em beleza tanto, que é opinião de quem entende que jamais haverá um homem que lhe seja superior em rima (BRUNI, 1999, § 13, p. 10).

No tocante às obras de Dante, Bruni apenas menciona, brevemente, a *Monarquia* – que, segundo ele, foi um livro *scritto a modo disadorno, senza niuna gentilezza di dire* (BRUNI, 1999, § 13, p. 10-11)²⁹ – e outro livro, intitulado *De Vulgari Eloquenti*, além de muitas cartas.

Bruni conclui sua obra legitimando suas observações a partir de referências históricas, concretas e factíveis de comprovação. Diz ele:

Dante morreu em 1321, em Ravena. Teve, dentre seus filhos, um chamado Piero, que estudou direito e tornou-se talentoso. Pela própria

²⁹ “Escrito em modo desornado, sem nenhuma gentileza de dizer”.

virtude e beneficiado pela memória do pai, se fez grande homem, ficou rico e firmou-se em Verona com boas condições. Este *messer* Piero teve um filho chamado Dante e deste nasceu Lionardo, que ainda vive e tem mais filhos. Não faz muito tempo que Lionardo veio a Florença com outros jovens veronenses, bem dispostos [*bene in punto*] e muito honrados. Ele veio me visitar como amigo da memória de seu bisavô, eu lhe mostrei as casas de Dante e de seus antepassados e dei-lhe notícias de muitas coisas desconhecidas, por terem sido, ele e os seus, afastados da pátria. E assim a Fortuna gira este mundo e trocam os habitantes com o girar de sua roda (BRUNI, 1999, § 14, p. 11).

Finda a apresentação das duas biografias, podemos concluir que o caráter romanceado do *Trattatello* de Boccaccio, conforme aludiu Bruni, corresponde não apenas à sua condição de poeta, por meio da qual ele se identificava com Dante, mas também com o conjunto da cultura humanística de seu tempo. Pois, embora Boccaccio tenha nascido fora do matrimônio, recebera, para os padrões da época, excelente educação. Seu pai, Boccaccio di Chellino, ou simplesmente Boccaccio, foi comerciante influente em Florença, onde chegou a ser prior em 1322 e cônsul *dell'Arte del Cambio* em 1324. Como escritor, Boccaccio manteve relações com os mais notáveis intelectuais da época, a exemplo de Giovanni di Domenico Mazzuoli da Strada, pai do poeta Zanobi; o próprio Zanobi; Cino de Pistoia, jurista e poeta toscano; Paolo de Perugia, bibliotecário do rei Roberto de Nápoles; o historiador Paolo Minorita; o jurisconsulto Giovanni Barrili; o eminente teólogo Dionigi da Borgo S. Sepolcro; e o futuro chanceler de Florença, Coluccio Salutati, “todos amigos fiéis e admiradores de Petrarca”. Na condição de intelectual e cidadão, Boccaccio participou de diversas embaixadas a serviço de Florença (cf. BONGHI, 2000, II, p. 1-4).

No ano de 1373, a Comuna florentina, atendendo a uma petição de influentes cidadãos, confiou a Boccaccio o encargo de ler e comentar publicamente *A Divina Comédia*, diariamente, por um ano, na Igreja de S. Stefano di Badia. Por essa tarefa, a Comuna pagaria a ele a quantia de cem florins de ouro, pagos em dois semestres. Todavia, tendo ele lido e comentado um pouco mais de sessenta lições e chegado ao canto XVII do Inferno, as apresentações foram interrompidas, sob a alegação de ter investigado apenas “os infortúnios que atormentavam o poeta no último período de sua vida” (BONGHI, 2000, III, p. 5) e, acrescido a isto, a “oposição de alguns importantes e doutos personagens, que não consideravam digno e lícito revelar ao vulgo as ‘partes ocultas’ da sublime obra de Dante” (BONGHI, 2000, III, p.5). A indignação de

Boccaccio é evidenciada em duas cartas escritas ao amigo Mainardo Cavalcanti e em quatro sonetos. Num desses poemas escreveu:

Se Dante lamenta onde quer que seja,
Porque os conceitos do seu alto engenho
Revelados foram ao vulgo indigno
Como tu dizes da leitura minha
Isto muito me desagrada, mas, jamais fará
Com que eu não porte contra mim o desdém
Ainda que, por mim mesmo, um pouco o detenha,
Porque de outros, não minha, foi tal loucura.
Vã esperança, verdadeira pobreza,
Deslumbrado entendimento dos amigos
E seus pedidos isto me levou a fazer.
Mas, jamais gozarão de tais bens (revelações)
Estes ingratos, ignorantes, inimigos
De todo gracioso e elevado trabalho
(apud BONGHI, 2000, III, p. 5).

Deste modo, mesmo que alguns afirmem o desinteresse de Boccaccio pela vida política,³⁰ não se pode negar sua intenção nos versos supracitados. Logo, não nos parece verossímil dizer que o *Trattatello* seja uma obra despolitizada, conforme acusação feita pelo chanceler Leonardo Bruni. Ao contrário, entendemos que o problema colocado por Bruni se explica por uma questão de enfoque. Não se pode negar que a revalorização da vida e da obra de Dante e a exortação aos florentinos, para que revissem sua condenação e restituíssem os restos mortais à sua cidade, tenham cumprido um objetivo político. Ademais, Boccaccio buscou, por meio de seu texto, inocentar o poeta do crime de corrupção que lhe foi imputado, legitimando-o como cidadão íntegro e poeta admirável.

A leitura que Bruni faz da vida de Dante, exaltando, exclusivamente, seu caráter civil e político, condiciona-se com os princípios do humanismo republicano, que surgiu motivado não apenas pelas constantes tentativas de domínio da Itália pelo Sacro Império Romano-Germânico, mas também pelos últimos acontecimentos do século XIV e início do XV, tais como a guerra

³⁰ Bonghi afirma, baseado no texto *Giovanni Boccaccio*, de Carlo Grabher, que Dante executou os cargos públicos que lhe foram confiados “com aquela seriedade, aquele escrúpulo que lhe vinha de sua correta consciência de homem e de cidadão, mais do que de um vivo interesse pela vida pública, diante da qual se mantinha sempre como um espectador fechado como estava em seus interesses literários: posição essa que antecipa de tantos literatos do Renascimento” (BONGHI, 2000, II, p. 3).

contra o papado³¹ e a tentativa de controle do duque de Milão, Gian Galeazzo Visconti, que pretendia a unificação da Itália por meio da chamada *Pax Italiae*.³²

Estes embates transformaram a cultura humanista daquele período, pois vários intelectuais, engajados na luta em defesa da autonomia de suas cidades, fizeram da política o tema preferencial de suas obras. O combate ao despotismo deu origem a um novo humanismo, identificado com as questões políticas e sociais, denominado humanismo cívico³³ (GARIN, 1996, p. 23-25) e caracterizado como instrumento da ideologia burguesa em face da autonomia das cidades-Estado italianas. É neste contexto que os posicionamentos políticos de Dante são retomados e acaloram as discussões. A questão principal orbitava em torno da preferência de Dante pelo Império – defendido no livro *Monarquia* – e pela condenação de Cássio e Marco Bruto à pena máxima, no canto XXXIV do primeiro livro, *Inferno*, por ter traído e assassinado Júlio César. Para os humanistas do século XV, que idolatravam a República Romana em detrimento do Império, essas personagens não poderiam ser identificadas como assassinas, pois sua ação havia libertado Roma do “tirano” Júlio César.

Deste modo, embora a excelência de Dante enquanto poeta e filósofo fosse amplamente reconhecida, sua obra se mostrava problemática aos princípios que regiam a vida pública nas cidades-Estado italianas. A primeira defesa da posição política de Dante aparece na obra *De Tyranno*, escrito por Coluccio Salutati, no ano de 1400. Este pequeno tratado, elaborado em formato de epístola, surgiu como resposta à carta do estudante paduano

³¹ Guerra empreendida por Bolonha, Marca, Perúgia e Milão, tendo por cabeça a cidade de Florença, com o objetivo de fazer frente às ameaças de Gregório XI, que buscava restabelecer, com o apoio dos franceses, o domínio da Igreja naquela região e, conseqüentemente, a restituição de sua sede a Roma, após 71 anos em Avignon, na França. A guerra travada entre o papado e essas cidades durou três anos, entre 1375 e 1378, e ficou conhecida como a Guerra dos Oito Santos (CIRILLO, 2006).

³² A *Pax Italiae* foi o projeto de unificação da Itália sustentado por Gian Galeazzo Visconti, no final do século XIV. Este projeto “baseava-se na necessidade da Itália ter uma figura dominante que pudesse mitigar as controvérsias entre os vários estados que a formavam e tal figura era, naturalmente, aquela de Giangaleazzo [sic] que tornava-se, portanto, um pacificador, não um tirano” (CIRILLO, 2006). Esta proposta foi fortemente rechaçada pelas cidades-Estado, lideradas por Florença. À paz oferecida por Gian Galeazzo, a comuna florentina, por intermédio de Coluccio Salutati, responde: “Essa palavra, a paz, que é a primeira da carta é uma imprudente mentira: como prova disso está a invasão da nossa terra [...] São estas as obras da paz? Para defender a nossa liberdade, declaramos guerra ao tirano lombardo, que quer ser ungido rei, e pegamos nas armas pela liberdade dos povos oprimidos por um jugo tão terrível. Confiamos na justiça eterna e inefável de Deus supremo, para que proteja a nossa cidade, olhe para a miséria dos lombardos e não queira antepor a ambição de um único mortal à imorredoura liberdade do povo e à salvação de tantas cidades” (apud GARIN, 1996, p. 30).

³³ O termo “humanismo cívico” surgiu no livro *The crisis of the early Italian Renaissance*, de Hans Baron, escrito em 1955. Por meio deste conceito, Baron pretendia objetivar “uma problemática até então deixada de lado pelos estudiosos: a do significado político dos escritos de homens como Salutati, Bruni e outros, considerados grandes pensadores latinos do período” (BIGNOTTO, 2001, p. 17).

Antonio Dell'Aquila, que interrogava Salutati acerca do posicionamento político de Dante na *Divina Comédia*. Tanto para Dell'Aquila quanto para o pensamento humanístico do período, Cássio e Marco Bruto tinham sido egrégios defensores da República Romana. Logo, estava justificado o assassinato de Júlio César. Coluccio Salutati explica o problema a partir da definição de tirania³⁴ e da supremacia da lei. Apropriando-se do conceito de tirania defendido pelo papa Gregório Magno, Salutati explica que o tirano era o resultado de múltiplas determinações, uma vez que a maldade não se manifesta somente nos homens políticos, mas também sobre os outros: “às vezes, realmente, um exercita essa tirania no governo do estado com o poder do cargo que lhe é conferido; outro em uma província; outro, ainda, em uma cidade; outro em sua casa; outro, enfim, por perversidade, é tirano no pensamento” (CIRILLO, 2006).

Contudo, Salutati prefere explicar a tirania não somente do ponto de vista moral, mas também jurídico. Tomando como referência o jurista Bartolo de Sassoferrato, ele afirma que ser tirano era governar de forma ilegítima ou contra o direito e isto podia acontecer de duas formas: por alguém que, arbitrariamente, se apropria, no Estado, de um poder que não lhe compete, ou por quem governa violando a lei e o direito. Logo, a tirania pode se manifestar pela apropriação indébita do título (*ex defectu tituli*), ou através do abuso do poder para fins pessoais (*ex parte exercitii*). Assim sendo, “César não poderia ser considerado, nem naquela época (nos tempos de Roma), nem agora (no nosso tempo) um tirano” (apud CIRILLO, 2006). Salutati conclui que Dante não condenou Cássio e Bruto por deplorar a República, mas pelo crime de homicídio. Para ele, Dante não desconhecia que Júlio César havia governado de acordo com a lei, uma vez que a ditadura era um cargo público legítimo na constituição romana.

Tempos depois, na metade do século XV, a questão retorna à cena política, agora numa *Invectiva* intitulada *Diálogo para Pier Paolo Vergerio* ou *Ad Petrum Paulum Histrum Dialogus*, escrita por Leonardo Bruni. Nessa obra, Bruni narra um longo debate entre cinco personagens reais (Salutati, Bruni, Niccolò

³⁴ “O tema tirania é extremamente expressivo para quem se ocupa de política no fim do século XIV, uma vez que não era raro à Itália daquele período que quem detivesse um poder reclamasse a legitimação da autoridade que de fato houvesse imposto a uma determinada área, a fim de ver legalizada a própria posição. O Império e a Igreja se limitavam a legalizar Estados constituídos e usurpações em troca de homenagens e juramentos de fidelidade reduzidos a simples formas rituais que correspondiam, em rara medida, a uma realidade de poder legítima quando de posse de força coercitiva real” (CIRILLO, 2006).

Niccolli, Roberto Rossi e Pietro di Mini) acerca das contribuições de Dante, Petrarca e Boccaccio para a vida pública de Florença no século XV. Diante da condenação feita por Dante a Marco Bruto e Cássio, Bruni coloca, à boca de Niccolò Niccolli, a seguinte sentença:

No que se refere à terceira acusação, a de que ele tenha atribuído quase a mesma pena ao assassino do Salvador e àquele que matou o destruidor do mundo, encontramos-nos diante do mesmo equívoco que observamos no tocante à idade de Catão. Esse equívoco frequentemente engana os que tomam as expressões do poeta em sentido verdadeiro e não figurado. Ou acreditas que Dante, o homem mais culto de seu tempo, não soubesse como César havia tomado o poder? E fosse ignorante quanto ao fato de que sufocou a liberdade? Que, com pesar para o povo romano, a coroa tenha sido transferida de Marco Antônio para a cabeça de César? Além do mais, acreditas que não soubesse as virtudes que todas as histórias atribuem a Bruto? Que não elogia sua justiça, integridade, alacridade, grandeza de alma? Dante não ignorou tudo isso, mas quis ver em César o príncipe legítimo, o monarca justo do mundo, e em Bruto o homem sedicioso, turbulento, maldoso, que trucidou o príncipe como um celerado. Não que Bruto fosse de fato assim. Como poderia o senado tê-lo elogiado como o restaurador da liberdade? Mas tendo César reinado, e tendo mandado matar Bruto junto com outros sessenta cidadãos dentre os nobres, o poeta fez disso a matéria para sua ficção. De que outra maneira poderia ter ele feito de um homem ótimo e justo, o restaurador da liberdade, um seguidor de Lúcifer? Aos pintores e aos poetas sempre foi permitido ousar qualquer coisa. De outro lado, talvez com alguma razão, também poder-se-ia sustentar a tese da impiedade de Bruto ao trucidar César. Não faltam escritores que, seja por amor dos partidos, ou para agradar ao imperador, tenham classificado como ímpia e celerada a empresa de Bruto. Todavia, ao defender o paralelismo entre Cristo e César, parece-me mais conveniente levar em conta o primeiro argumento. Estou certo de que nosso poeta pensava assim (apud BIGNOTTO, 2001, p. 278).

O diálogo narrado por Bruni revela três questões de fundamental importância para o humanismo florentino do século XV: a busca por uma identidade intelectual patriótica, adequada à cultura daqueles tempos;³⁵ a

³⁵ Marco Cirilo afirma que, embora a prática do comentário público da obra de Dante feita por Boccaccio não tenha continuado no século XV, não se pode negar a difusão dos comentários acerca da obra deste poeta. Segundo ele, a ameaça dos Visconti levou os humanistas a defender arduamente a liberdade da República e acusar todo centralismo político como tirania. Ademais, “uma vez firmada em Florença a corrente humanística, depois de a mesma ter privilegiado o estudo dos antigos, aí teria insinuada a necessidade de revalorizar também os autores ‘contemporâneos’ da cidade, em função daquele patriotismo que era típico da principal cidade da Toscana” (CIRILO, 2006).

legitimidade política e cultural de Dante; e a defesa dos valores republicanos propagados pelo humanismo cívico. Em resumo, a biografia de Dante feita por Leonardo Bruni foi mais um instrumento de afirmação dos valores republicanos de Florença no século XV. Não derroga, em sua totalidade, a perspectiva boccacciana, mas tenta aferir à vida e à obra de Dante um significado mais político que literário.

DANTE ALIGHIERI'S LIFE AND WORK IN GIOVANNI BOCCACCIO AND LEONARDO BRUNI'S PERSPECTIVE

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze how Giovanni Boccaccio in his Trattatello in laude di Dante and Leonardo Bruni, in the book Della vita, studi e costumi di Dante, represented the events that marked the life and work of the Florentine poet Dante Alighieri.

KEYWORDS: *Culture and politics. Dante Alighieri. Giovanni Boccaccio. Leonardo Bruni.*

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A divina comédia:** Paraíso. São Paulo: Ed. 34, 1998.

BIGNOTTO, N. **Origens do republicanismo moderno.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

BOCCACCIO, G. **Trattatello in laude di Dante.** Introduzione, prefazione e note di L. Sasso. Milano: Garzanti Libri, 1995.

BONGHI, G. **Progetto Giovanni Boccaccio.** Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2000.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRUNI, L. **Della vita, studi e costumi di Dante.** A cura di G. L. Passerini. Firenze: Sansoni, 1999.

CIRILLO, M. **Il tyrano in Coluccio Salutati umanista del trecento**. Milano: Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bonghi, 2006.

GARIN, E. **Ciência e vida civil no Renascimento italiano**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

VILLANNI, G. **Nuova cronica**. Edizione critica a cura di G. Porta. 3 v. Parma: Ugo Guanda Editore, 1997.